

Padre
Júlio Lancellotti



**Amor
à maneira
de Deus**

*Padre
Júlio Lancellotti*

**Amor
à maneira
de Deus**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Júlio Lancellotti, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.

ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDO: Daila Fanny
PREPARAÇÃO: Thiago Fraga
REVISÃO: Nine Editorial e Fernanda França
DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Filipa Pinto e Helena Hennemann | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Lancellotti, Júlio
Amor à maneira de Deus / Padre Júlio Lancellotti. – São Paulo: Planeta, 2021.
160 p.

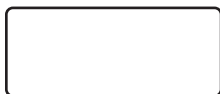
ISBN 978-65-5535-450-8

1. Deus - Amor I. Título

21-2588

CDD 231.6

Índices para catálogo sistemático:
1. Amor de Deus



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 O ESCANDALOSO AMOR DE DEUS ...	17
CAPÍTULO 2 AMOR AOS PEQUENINOS.....	45
CAPÍTULO 3 AMOR AOS PODEROSOS.....	71
CAPÍTULO 4 AMOR NO SEGUIMENTO DE JESUS	99
CAPÍTULO 5 AS MARCAS DO AMOR.....	127
CONCLUSÃO	151

CAPÍTULO 1

O escandaloso amor de Deus



“Ama-me quando eu menos mereço,
porque é quando eu mais preciso!”

Madre Teresa de Calcutá

Deus ama como Jesus ama.

Enquanto a Deus ninguém vê, Jesus é o Deus visível. Jesus não é como Deus – Deus é que é como Jesus. Então, para entender como Deus ama, precisamos compreender como Jesus ama.

No dia em que Jesus morreu, muitas coisas aconteceram e deixaram clara a natureza do seu amor. Ele foi traído por um discípulo, negado por

outro e abandonado por todos. Ele sabia como seus seguidores iriam se comportar, inclusive os alertou algumas vezes.

Se você soubesse que pessoas próximas a você iriam tratá-lo mal amanhã, como você as trataria hoje?

Foi assim que Jesus escolheu tratá-las: “Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora, hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, *amou-os até o fim*”.¹

Jesus sabia tudo o que haveria de passar, mas amou os seus irmãos até o fim. Ele não desiste daqueles que ama. O amor de Jesus é teimoso, persistente.

Isso fica evidenciado no Evangelho de S. Lucas. Lucas é o evangelista chamado de “vendaval da misericórdia”. Ele apresenta Jesus como o rosto da misericórdia de Deus.

A misericórdia é uma das principais características da fé cristã, porque ela compõe o amor de Deus. É uma palavra composta por “mísero” e

1. João 13,1. (grifo nosso)

“córdia”, e significa “coração para os míseros”. É inevitavelmente conflitiva, porque nos leva a olhar para os outros, e não mais para nós mesmos – o que é a contramão do mundo em que vivemos, individualista, endurecido em seus sentimentos, que não quer se voltar para o outro.

Lucas é o “vendaval da misericórdia” porque ele, em seu Evangelho, não se esquece das mulheres e é o que mais defende os pobres. Ele revela a misericórdia de Deus no rosto de Jesus aos pobres, fracos, pequenos e abandonados.

Quando lemos os Evangelhos, vemos que Jesus não exercia misericórdia na subjetividade. Ele agia na história, em meio a interesses religiosos, econômicos e políticos que movimentavam a vida do povo. E também entre os pequenos fatos, contradições, acertos, erros e buscas do dia a dia.

Por isso, as parábolas da misericórdia – três histórias contadas no capítulo 15 do Evangelho de S. Lucas – são baseadas em eventos do cotidiano. Nelas estão o mistério do Deus que se movimenta em amor na história. Não lemos a Bíblia para ter

conhecimento ou ideias, mas para experimentar o amor de Deus na vida de hoje.

Jesus conta as parábolas de misericórdia na confluência de dois grupos contrários. De um lado, estavam os cobradores de impostos e os pecadores, ou seja, os hereges, sem fé e sem salvação. Eles se aproximavam de Jesus para escutá-lo. Do outro, os fariseus e mestres da lei, ou seja, os piedosos e religiosos, o pessoal que fazia tudo certo. Eles se aproximavam de Jesus para criticá-lo.

No meio do fogo cruzado entre oprimidos e opressores está a face da misericórdia de Deus. Ele responde às críticas de uns e ensina aos ouvidos de outros com as três parábolas, que apresentam o amor misericordioso de Deus, com três principais características: incondicionalidade, gratuidade e transformação.

Amor para todos

Quem de vós que tem cem ovelhas e perde uma, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás

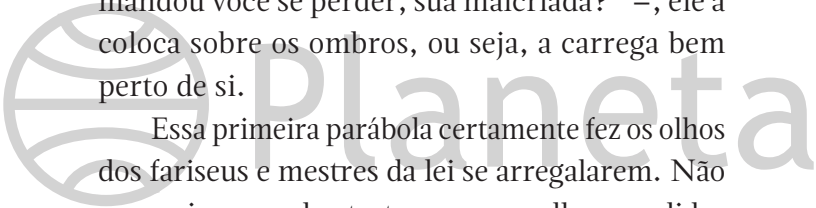
daquela que se perdeu, até encontrá-la? E quando a encontra, alegre a põe nos ombros e, chegando em casa, reúne os amigos e vizinhos, e diz: “Alegrai-vos comigo! Encontrei a minha ovelha que estava perdida!”. Eu vos digo: assim haverá no céu alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão (Lucas 15,4-7).

Jesus começa com certa ironia: “Quem não deixaria noventa e nove ovelhas no pasto para procurar uma só que se perdeu?”. A resposta lógica seria: “Ninguém”. Dentro do nosso sistema, pode-se dizer que quem perdeu 1 dentre 100 está na margem aceitável de prejuízo. Apenas 1%. Ah, mas e a ovelha perdida? Azar dela. Quem mandou se perder? O texto diz, de forma interessante: não é o pastor quem perde a ovelha, ela é que se perde. A culpa, então, é da ovelha, que se afastou do grupo em vez de ficar quieta com as outras.

Porém, na parábola de Jesus, o pastor não se contenta com a margem de erro. A misericórdia de Deus é mais generosa que nossos cálculos, maior

que a nossa lógica. A matemática humana não consegue alcançar a lógica de Deus, que é amor, compaixão e misericórdia. O pastor está disposto a ter uma margem de 99% de prejuízo.

Se isso não fosse o bastante, o tratamento que ele dá à ovelha reencontrada é impressionante. Em vez de pôr uma coleira bem apertada e lhe dar uma bastonada, repreendendo-a – “Quem mandou você se perder, sua malcriada?” –, ele a coloca sobre os ombros, ou seja, a carrega bem perto de si.

Essa primeira parábola certamente fez os olhos dos fariseus e mestres da lei se arregalarem. Não era assim que eles tratavam as ovelhas perdidas do povo. Jesus, contudo, contrapõe-se a esses pastores. Aliás, era por isso que os religiosos o criticavam: “Este homem”, diziam eles, sem se atreverem a pronunciar o nome de Jesus, “recebe pecadores e come com eles! Será possível?!”.


Jesus ignora as críticas porque ele é o pastor que dá a vida pelas ovelhas. Ele caminha em meio a elas, demonstrando paciência e misericórdia.

No Evangelho de S. João, Jesus diz: “Quem entra pela porta é o pastor das ovelhas. Para este, o porteiro abre, as ovelhas escutam a sua voz [...] ele caminha à sua frente e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz”.² Reconhecemos a voz de Jesus porque suas palavras nunca são ameaçadoras. Sua fala dura é dirigida àqueles que usam autoridade e poder para dominar os fracos. Mas os que se desgarram e se perdem podem, a todo momento, contar com seu amor, porque Deus não o nega a ninguém. Ele é um Pai amoroso e misericordioso para com todas as pessoas.

A Casa Vida foi um lugar que me proporcionou a experiência de sentir o amor misericordioso de um pai. Ela foi uma resposta da Pastoral do Menor ao artigo 227 da Constituição de 1988, o qual estabelece a criança e o adolescente como prioridade absoluta da família, da sociedade e do Estado. A promulgação desse artigo, e do subsequente Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foi uma grande vitória. Porém, para mim, o trabalho em

2. João 10,2-4.

favor dos pequenos não havia acabado aí. Depois de tanto lutar pela aprovação dessas leis, deveríamos dar uma resposta ao Estatuto: priorizar, na prática, os mais necessitados, mesmo entre aqueles que já eram prioridade.

Um grupo que, naquele início da década de 1990, certamente precisava de uma resposta imediata nesses termos era o das crianças soropositivas.

Elas eram vistas com assombro pela sociedade, porque ninguém sabia o que fazer com elas e nem o que seria delas. Na verdade, não se sabia quase nada a respeito da aids: como tratar dos doentes, quais eram os meios de contaminação, qual a expectativa de vida, entre outras coisas. Muita desinformação estava relacionada às crianças que nasciam contaminadas. Foi apenas em 1997 que se implementou a política de testagem de HIV no pré-natal. Antes disso, não se sabia quais crianças nasciam de mães contaminadas. Muitas vezes, as mães descobriam que eram soropositivas somente depois do resultado dos exames de seus filhos.

Na unidade Sampaio Viana da antiga Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor (Febem), havia um grupo de crianças soropositivas. Elas ficavam completamente isoladas no último andar do prédio. Para entrar lá era necessário se enfiar de paramentos. Elas não podiam sair do quarto, nem brincar, nem tomar sol. Não iam a lugar algum, porque não se sabia o que poderia lhes acontecer e qual era o risco que representavam para outras pessoas. Elas viam o mundo pela janela do quarto. Quando as visitei, ocorreu-me a ideia: “Vamos fazer uma casa para elas”. E foi assim que nasceu a Casa Vida, como uma resposta à situação de morte que a aids e o preconceito acarretavam.

Cuidei daquelas crianças como filhos. Elas tinham os médicos para o cuidado clínico, os professores para o cuidado pedagógico, as nutricionistas, os terapeutas, diversos profissionais preocupados com sua saúde. Elas não precisavam de mais um profissional. Nunca pedi que me chamassem de pai, mas elas viam em mim, quase inevitavelmente, a figura paterna. Certa vez, alguém questionou:

— Por que eles têm de ser seus filhos?

Eu refleti.

— Talvez porque, quando têm de ir para o pronto-socorro, eu os levo. Quando é para fazer companhia no hospital, eu fico. Quando precisam de roupa, eu compro. Quando chamam o responsável na escola, eu vou. Acho que é por isso!

A Casa funcionava como uma casa mesmo. Eu comia com eles à mesa e brigava quando deixavam a salada no prato ou queriam refrigerante em vez de suco. Também requeria deles responsabilidade com a manutenção do espaço. Uma vez, a Marta Suplicy nos visitou e comentou:

— Nossa, esta casa é muito arrumada!

— É muito arrumada porque eles sabem que precisam manter tudo no lugar — expliquei. — Uma casa em que vivem quinze, vinte pessoas tem de ter ordem.

E, em meio à rotina de afeto, de broncas, de brincadeiras, de vigílias e de muitos filmes da Disney, as crianças queriam saber:

— Pai, de quem você gosta mais?

Elas eram de todos os tipos. Havia as crianças mais agarradas a mim. Tinha as mais terríveis, que viravam a Casa e a escola de pernas para o ar. Havia as mais sensíveis e silenciosas. As que falavam mais e que me enfrentavam. De quem eu gostava mais? Quais seriam os critérios para eu escolher?

— Olhem para a mão de vocês. De que dedo vocês gostam menos? Qual prefeririam que fosse cortado fora? — perguntei.

Depois de muita discussão, elas concluíram que não queriam perder nenhum dedo. Todos eram importantes.

— E os dedos são iguais uns aos outros?

— Não. Cada um é diferente.

— E mesmo assim vocês não podem ficar sem nenhum?

— Isso.

Assim elas eram: todas importantes para mim. E assim somos também para Deus: seu amor é para todos. Não há limites nem escolhidos para recebê-lo. É incondicional e não exclui ninguém

– embora alguns, como os respeitadíssimos religiosos, excluam-se dele.

Amor sem medida

De volta à parábola de S. Lucas, Jesus continua:

E se uma mulher tem dez moedas de prata e perde uma, não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la? Quando a encontra, reúne as amigas e vizinhas, e diz: “Alegrai-vos comigo! Encontrei a moeda que tinha perdido!”. Assim, eu vos digo, haverá alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se converte (Lucas 15,8-10).

Quem nunca perdeu uma coisa pequenininha dentro de casa? Todo mundo! O que fazemos? Reviramos a casa até encontrar. Foi o que a mulher da parábola fez. Sem energia elétrica, ela acendeu uma lamparina e varreu a casa toda em busca de uma única moeda.

Nessa cena tão comum, que acontece na casa de todo mundo, o amor de Deus se revela mais uma vez. Deus procura até achar. E, quando acha, faz uma festa.

O amor de Deus é sem medida. Ele não é mesquinho. Como disse o papa Francisco: “Deus é um Deus que sai: sai para procurar, buscar cada um de nós. Todos os dias, ele nos procura, está nos procurando. Como já fez e já diz, na parábola da ovelha perdida ou da dracma perdida: procura. É sempre assim”.³

Por que Deus sai atrás de nós? Porque nos ama, mas também porque nós precisamos que ele venha até nós! Não temos condições de ir até Deus e exigir que ele nos ame. Ele é que vem ao nosso encontro e nos ama na gratuidade. Não segundo nossos méritos, mas de acordo com nossa necessidade.

3. ZENIT. *Homilia do Papa: o amor de Deus é sem medida*. Disponível em: pt.zenit.org/articles/homilia-do-papa-o-amor-de-deus-e-sem-medida/. Acesso em: 23 fev. 2021.

Da mesma maneira que não precisamos pagar pela graça de Deus, devemos nos doar também – não às pessoas que merecem, mas às que mais necessitam. E essas pessoas podem ser qualquer um. Talvez as que achemos menos dignas de receber o amor de Deus e o nosso.

Joílson de Jesus era um menino de rua que a Pastoral do Menor acompanhava na década de 1980. Ele vendia santinho na escadaria da Catedral da Sé, no centro de São Paulo. No dia 9 de dezembro de 1983, alguém gritou “Pega ladrão”, depois de ele furtar uma correntinha. Ele cruzou o caminho de um procurador da República que, com um golpe, matou-o na hora, em frente à Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

A notícia chegou à Pastoral, mas não sabíamos quem era o menino. Chamei um colega e fomos ao Instituto Médico-Legal (IML). Lá descobrimos que era o Joílson. Coube a mim providenciar o sepultamento do menino e avisar à mãe, dona Iraci. Fui à Favela da Funerária, na zona norte de São Paulo, e encontrei Iraci num barraco que mal ficava em pé.

Quando chegamos ao IML, fui verificar a situação antes de levar dona Iraci para ver o corpo do filho. Ele estava nu e ensanguentado, após ter sido autopsiado. Os funcionários do IML recusavam-se a vesti-lo e a limpá-lo.

— Ele é um trombadinha. Não somos obrigados a limpar e vestir o corpo de um trombadinha.

Na intenção de poupar dona Iraci daquela cena, pedi panos para que eu mesmo limpasse o corpo do menino. Mas parecia que o Joílson não era digno nem disso. Foi com folhas de jornal que tirei o sangue de seu corpo.

Liberado do IML, a Pastoral quis levá-lo para ser velado na Catedral da Sé, onde ele trabalhava. Mas o cura repetiu o discurso do IML:

— De jeito nenhum vão colocar um trombadinha dentro da Catedral. Ninguém nunca foi velado aqui, vai ser velado um trombadinha?

Acontece que nem ele nem igreja nenhuma aceitou receber o corpo de um trombadinha.

Fizemos a missa na sede da Pastoral do Menor. Quem celebrou-a foi Dom Luciano Mendes de

Almeida, bispo auxiliar na Arquidiocese de São Paulo e responsável pela Pastoral do Menor à época. Foi a primeira vez que o vi chorar. Lágrimas brotaram de seus olhos após ler o Evangelho daquele dia: “Em verdade, eu vos digo, entre todos os nascidos de mulher não surgiu quem fosse maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele”.⁴

É bonito falar de defesa de direitos humanos, de proteção ao menor. Mas e quando o menor é um trombadinha? É bonito falar que se ama Deus. O problema é quando chega a família dele. Durante algum tempo, a mídia nos chamou de “defensores de trombadinhas” porque acreditamos que o Joílson e outros, na mesma situação que ele, seriam amados e defendidos por Jesus. Que perdoou, aliás, um ladrão pendurado na cruz ao lado da sua.

O amor de Deus segue um critério essencial: ele humaniza a vida. Qualquer vida. Tudo o que desumaniza não procede de Deus. As coisas que separam a fraternidade e a solidariedade não

4. Mateus 11,11.

provêm dele. Divino não é o estratosférico: é o que une e permite às pessoas viverem com dignidade nesta história. E a única saída para tal desafio é a solidariedade. Sem ela, não vamos encontrar vida e dignidade para todos.

A transformação do amor

O fim da parábola de Lucas 15 talvez seja um dos trechos mais conhecidos de todos os Evangelhos:

Um homem tinha dois filhos. O filho mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte da herança que me cabe”. E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou o que era seu e partiu para um lugar distante. E ali esbanjou tudo numa vida desenfreada. Quando tinha esbanjado tudo o que possuía, chegou uma grande fome àquela região, e ele começou a passar necessidade. Então, foi pedir trabalho a um homem do lugar, que o mandou para seu sítio cuidar dos porcos. Ele queria matar a fome com a comida que os

porcos comiam, mas nem isso lhe davam. Então caiu em si e disse: “Quantos empregados do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome. Vou voltar para meu pai e dizer-lhe: ‘Pai, pequei contra Deus e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados’”. Então ele partiu e voltou para seu pai. Quando ainda estava longe, seu pai o avistou e foi tomado de compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e o cobriu de beijos. O filho, então, lhe disse: “Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho”. Mas o pai disse aos empregados: “Trazei depressa a melhor túnica para vestir meu filho. Colocai-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei um novilho gordo e matai-o, para comermos e festejarmos. Pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado”. E começaram a festa.

O filho mais velho estava no campo. Ao voltar, já perto de casa, ouviu música e barulho de dança. Então chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo. Ele respondeu: “É teu irmão que voltou. Teu pai matou o novilho gordo, porque

recuperou seu filho são e salvo”. Mas ele ficou com raiva e não queria entrar. O pai, saindo, insistiu com ele. Ele, porém, respondeu ao pai: “Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. Mas quando chego esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo”. Então o pai lhe disse: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso festejar e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (Lucas 15,11-32).

A história começa com o filho mais novo de uma família pedindo ao pai a herança. Isso é grave. Na lei judaica, a herança pertence ao filho mais velho. E, como em todas as culturas, ela é dada depois que o pai morre, não antes. Mesmo assim, o pai atendeu ao pedido do filho mais novo, que foi embora e gastou até o último centavo.

Quando estava na pior, o filho lembrou-se de casa, mas não pensou no pai. Pensou na comida que havia na casa. Então resolveu que seria melhor

voltar para lá, ainda que fosse para ser tratado como empregado.

O pai, quando viu o filho voltando, não se trançou em casa e ficou esperando que ele viesse beijar seus pés, suplicando perdão. Ele saiu correndo para encontrar o filho. Abraçou-o e beijou-o, devolveu-lhe a roupa, colocou nele o melhor calçado, perfumou-o e deu-lhe acesso às riquezas da família, quando lhe colocou no dedo seu próprio anel.

Exagerado, não?

Mas o pai tinha dois filhos. Nesse momento, Lucas chama a atenção para o mais velho. Quando este volta para a casa, depois de um dia de trabalho, estranha o barulho de música. “Ué, estava tudo triste aqui desde que meu irmão foi embora...” Ele quer saber o que está acontecendo, e um empregado conta a história.

O filho mais velho se recusa a entrar na casa. É o pai quem sai atrás dele, como fez com o outro irmão. E o filho desabafa: “Eu nunca lhe desobedei, eu sempre o servi...”. Ele não diz nenhuma vez para o pai: “Eu sempre o amei”. Ele fala de

serviço e obediência. Era o filho perfeito, mas não tinha amor.

Pobre desse pai. Os dois filhos o tratavam como patrão.

Quem trata Deus como patrão não vai nunca saber ser filho. Não somos servos nem empregados de Deus. Ele não precisa disso. Somos filhos e filhas. É essa a grande transformação de pensamento que temos de fazer.

Na Bíblia, ser “filho” não é uma consequência biológica. É ter semelhança com o Pai. O que faz alguém ser parecido com Deus não é cumprir a lei, como acreditava o filho mais velho. É ser compassivo como Deus é. De acordo com o Evangelho, compaixão é um sentimento divino. Apenas Deus sente compaixão. Embora o ser humano seja imagem e semelhança de Deus, o que nos torna semelhantes a ele é a prática da compaixão. Com isso, seremos indestrutíveis como ele é.

Por que aceitamos o amor de Deus? Para amar também, de maneira misericordiosa e compassiva. Não recebo o amor divino para obter vantagens ou

ser o “queridinho” de Deus. Não! Aceito seu amor para que este se reflita na minha vida e também seja sinal da sua presença na história e no mundo.

Diante de um filho que vai embora, mas volta, e do outro que sempre faz tudo direitinho, mas reclama, Lucas nos ensina que temos de ser como o Pai. Misericordiosos e compassivos como ele.

Em vez de condenar, sejam misericordiosos.

Em vez de criticar, sejam misericordiosos.

Em vez de rejeitar, sejam misericordiosos.

Temos de orar como fez certo cobrador de impostos retratado no Evangelho de S. Lucas. Diante de Deus, ele não ousou levantar os olhos, mas disse: “Eu sou um pecador. Preciso da sua misericórdia”.⁵ Precisamos da misericórdia de Deus para sermos misericordiosos, e não para ganhar favores. Somos amados para amar.

Porém, ninguém ama por obrigação. Agimos com amor e gratidão livremente. Não é a obediência à lei que nos torna mais humanos, é o amor. O filho mais velho era obediente, mas ingrato.

5. Cf. Lucas 18,13.

Pode haver muitas regras, mas não é possível criar uma que diga: “A partir de hoje, todos são obrigados a amar”. A lei não transforma as pessoas.

Por isso, antes de morrer, Jesus deixou um mandamento transformador, que substituiu a Lei de Moisés: “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros”.⁶

Jesus nos ama e depois disso nos convida a nos assemelharmos a ele, amando aos outros. Mas não é amar de qualquer jeito. É amar *como* Jesus amou. E como ele amou? Voltamos ao começo do capítulo: “Sabendo Jesus que tinha chegado a sua hora, hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, *amou-os até o fim*”.⁷

A imagem da cruz que está nas igrejas não é um enfeite. Ela está lá para nos lembrar de como

6. João 13,34-35.

7. João 13,1. (grifo nosso)

é o amor de Jesus. Ele, diante da morte, não pediu poder ou força. Quis a coragem de amar até as últimas consequências. Isso é difícil. Alguns querem amar, mas sem se comprometer. Nenhum dos santos canonizados que conheço viveu do poder, da força ou da prepotência. Nenhum deles tinha arma na mão para matar. Nem discriminavam nem tinham preconceito. Por isso são santos, porque se assemelham ao amor de Deus.

A grande transformação está em amar uns aos outros. Alguns mudaram isso para “*Armai-vos uns contra os outros*”. Quando Jesus não consegue nos mudar, nós é quem mudamos Jesus e fazemos dele o que queremos.

Nosso povo será feliz não quando puder andar armado, mas quando for irmão. Quando transformarmos armas em condições de vida. Quando houver solidariedade em lugar de miséria. Quando o lucro for abandonado para proteger as pessoas e a natureza. Se, na nossa sociedade, alguns morrem de fome, é porque não há amor. Se alguns morrem porque não recebem tratamento e remédio,

é porque não há amor. Há pecado, que é a negação do amor de Deus.

Não é fácil! Mas, no amor, não existe facilidade. Ele é um compromisso, e um compromisso transformador.

O Reino do Amor

O amor só fará sentido quando formos capazes de entender a gratuidade. Isso requer mudar a chave do pensamento. A chave pela qual entendemos o mundo é a meritocracia, o merecimento. Mas Deus nos ensina a incondicionalidade e a gratuidade. Ele não se impõe. As pessoas acreditam não porque têm medo de Deus, mas porque se sentem amadas. Deus não se teme, se ama. Assim, o amor transforma a nossa vida e a história ao redor.

Não somos inúteis se vivermos o amor. Quem vive a servidão é inútil, porque não é capaz de responder ao amor de Deus.

A resposta ao amor de Deus é a fé. Não é, necessariamente, uma resposta religiosa. Ter fé não

é carregar medalhinhas nem acender velas. Jesus não tem nenhum interesse em medir a nossa fé. Ele quer suscitar em nós a coragem de acolher o amor de Deus em nossa vida. Ter muita ou pouca fé depende do quanto se é capaz de se assemelhar a Deus e dar a vida por amor. De abrir mão do poder, do dinheiro, do prestígio, da força e, como alternativa, buscar a fraqueza, a simplicidade, o despojamento.

Amar à maneira de Deus nos convida a viver de acordo com uma lógica maluca que não faz sentido para qualquer regime deste mundo. É a lógica na qual a felicidade não está em ter, mas em dar. Em superar as dificuldades e enfrentar as tribulações. Em lutar; não para vencer, mas para ser fiel.

Essa é a lógica do Reino do Amor, o reinado de Deus. Não é “o lado de lá”, mas uma nova forma de viver na história.

O reinado de Deus não se confunde com nenhum modelo político. Trata-se de uma vivência alternativa em meio às tramas da história. Nele, não há um rei que domina. O reinado é do povo.

Sua presença se mede pela alegria dos pobres, pelo consolo dos aflitos, pela defesa dos indefesos, pela saciedade dos famintos. Se há misericórdia e semelhança com Deus, se a paz é promovida por meio do desarmamento da tirania, se não houver medo de lutar – sendo perseguidos, injuriados e maltratados –, então aí está o Reino de Deus.

Construir o reinado requer despojamento e desarmamento. Ir para a luta munido apenas do amor. “Doem tudo na vida e vivam na pobreza do espírito”, convida Jesus, “porque, neste reinado, os aflitos serão consolados, os mansos possuirão a terra, os que têm fome e sede de justiça serão saciados, os misericordiosos alcançarão a misericórdia, e os puros de coração verão a Deus.

Quem viver assim, será perseguido por causa da justiça, por causa de mim. Mas, mesmo assim, alegrem-se e lutem, porque nesse reinado vocês serão felizes”.⁸

8. Mateus 5,1-11.